

Esperançar com a extensão

Helen Scorsatto Ortiz¹

Recebi com alegria e entusiasmo o convite para escrever esse relato, uma vez que a prática extensionista, de forma marcante, sempre fez parte do meu trabalho e fazer docente. Atuando no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus* Porto Alegre, ao longo da última década, submeti e coordenei mais de trinta propostas entre eventos, cursos, projetos e programas, que envolveram e atingiram centenas de pessoas. Essa prática constante tem se dado ligada às áreas temáticas da extensão de meu especial interesse, quais sejam: Cultura, Educação, Meio Ambiente, Trabalho, Direitos Humanos e Justiça. Áreas que vão ao encontro do âmbito de minha formação, em Ciências Humanas, e da minha trajetória, sobretudo junto ao campo das ações afirmativas e às parcelas mais vulneráveis da sociedade (catadores/as, povos indígenas, população negra, novos imigrantes e camadas empobrecidas). De forma geral, minhas propostas têm primado pela inclusão social, pela geração de oportunidades e pela melhoria da formação e da qualidade de vida do público atendido.

Ao longo desses dez anos, tenho igualmente contribuído como colaboradora e integrante de equipes executoras em cerca de cinquenta outras ações, concebidas por colegas que se tornaram parceiros no exercício da extensão, na busca por um protagonismo e formação integral de nossos estudantes e por uma aproximação, troca de saberes e diálogo constantes com nossa comunidade interna e externa. Afinal, como afirma Paulo Freire (1995, p. 74), a “dialogicidade é uma exigência da natureza humana e também um reclamo da opção democrática do educador”.

Desde meu ingresso no IFRS, vislumbrei na extensão um caminho para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos envolvidos, perceber e conhecer em maior profundidade a



realidade local e a comunidade do entorno do *campus* e um meio de desenvolver ações sociais, de suscitar debates e trocas de ideias, de acolher e integrar pessoas, grupos, coletivos, associações, instituições, no intuito de produzir e difundir conhecimento científico e tecnológico e exercitar a compreensão crítica da realidade. A extensão também tem sido o espaço do sonho, da utopia, da esperança – esta entendida na acepção freiriana do verbo *esperançar* (ir atrás, construir, levar adiante) (FREIRE, 1992).

📌 **Figura 1.** Novos imigrantes no RS: roda de conversa com imigrantes do Senegal. Fonte: acervo pessoal (2017).

¹ Doutora em História pela PUCRS. Docente de Ciências Sociais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Porto Alegre. E-mail: helen.ortiz@poa.ifrs.edu.br

Além disso, sempre importou sobremaneira a possibilidade de operar através das ações de extensão, a sensibilização do público para temas como acessibilidade, inclusão, direitos humanos, valorização da diferença e da diversidade, valorização das múltiplas identidades e culturas etc. Não menos importante, é o fato de poder contribuir no combate ao racismo, à desigualdade e às inúmeras formas de preconceito e discriminação.

Por meio da prática extensionista tem sido possível firmar parcerias (internas e externas), ampliar discussões de natureza diversa, propor e amparar projetos sociais e acolher diferentes demandas da comunidade de abrangência do *campus* – indo ao encontro do que preconiza a atual política extensionista do IFRS. Algumas das demandas já atendidas se efetivaram no curso básico de informática para catadores da região metropolitana de Porto Alegre, no curso de dicção e oratória para mulheres catadoras, no I Seminário da Coleta Seletiva Solidária, nos eventos envolvendo quilombos e quilombolas, o legado de Frantz Fanon, a questão indígena etc.

Desde 2016, ininterruptamente, com as turmas do Projeto Pré-Vestibular Popular (PVP) Dandara dos Palmares temos também atendido demanda comunitária que intenciona viabilizar e ampliar o acesso da população egressa de escola pública, em especial da população negra e da população de baixa renda, ao ensino superior gratuito. Já foram mais de 250 estudantes atendidos e é significativo o número daqueles que ingressaram em universidades públicas e institutos federais, nos seus mais variados cursos. Os tempos de pandemia e a dinâmica do ensino remoto acrescentaram desafios ainda maiores para manter a permanência dos estudantes, a qualidade das aulas, os professores voluntários e o



📍 **Figura 2.** I Seminário da Coleta Seletiva Solidária: uma tecnologia social inclusiva. Fonte: acervo pessoal (2018).



📍 **Figura 3.** I Estudantes e professores do Pré-Vestibular Popular Dandara dos Palmares, no IFRS Campus Porto Alegre. Fonte: acervo pessoal (2019).



📍 **Figura 4.** Oficina de alimentação saudável para crianças, durante a 5ª Feira de Trocas Solidárias – IFRS - Campus Porto Alegre. Fonte: acervo pessoal (2017).

projeto como um todo. Contudo, em 2020, nossos estudantes se sentiram confortáveis ao participar de provas/exames, e o projeto segue sendo espaço de acolhida, para além do aprendizado teórico.

A seguir, reproduzo depoimento de um de nossos estudantes, colhido em 2021:

Eu escolhi o Dandara (e, felizmente, consegui ser aceito), pois procurava um lugar onde eu me sentisse acolhido, respeitado e encontrasse pessoas com quem eu me identificasse. A experiência de estudar no Dandara tem sido uma grande vivência para mim, principalmente, pelas aulas irem além da simples apresentação dos conteúdos, há também reflexões e debates muito enriquecedores sobre os mais diversos assuntos que nos cercam quanto sociedade. Desde 2014, eu venho tentando conseguir uma vaga na universidade pública para realizar o meu sonho de cursar medicina e nunca antes eu havia feito um "cursinho" e estou muito contente e otimista com os resultados que estou alcançando. Não está sendo fácil, existem muitas dificuldades a serem superadas ainda, mas o Dandara tem me ajudado muito a tornar essa caminhada menos dolorosa. (L.C.S., 2021)

Além do PVP Dandara dos Palmares, que está em seu sexto ano, desenvolvi/desenvolvo outras ações com caráter longitudinal. Nesse sentido, destaca-se a Feira de Trocas Solidárias, que trouxe a oportunidade dos participantes vivenciarem no *campus* uma experiência comercial – sem uso da moeda oficial brasileira – que substitui as ideias de lucro, acumulação e competição pelas de solidariedade e cooperação. Idealizada em 2011 na forma de evento, e com sucessivas edições exitosas, a Feira foi crescendo em número de integrantes, de parceiros, de atividades, de produtos, de saberes e de serviços trocados. Em 2016, em sua 4ª edição, foi apresentada no Salão de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo recebido prêmio destaque.²

Modificada e aprimorada constantemente, com o passar do tempo a experiência da Feira de Trocas passou a requerer um novo formato de trabalho, com maior abrangência e duração. Foi então que, em 2019, o que era um evento tornou-se um projeto indissociável de pesquisa, ensino e extensão. É formidável experimentar o amadurecimento e expansão de uma ideia e da prática extensionista, agregando maiores parcerias e resultados. Em 2021, a Feira atravessou fronteiras e foi citada na obra do escritor português Armando Garcia, que publicou e disponibilizou dois volumes sobre “Moedas Comunitárias do Brasil (1962-2020)”. Nela, Garcia menciona a moeda social - IF Sol - criada especialmente para circular nas nossas edições da Feira de Trocas, no IFRS – *Campus* Porto Alegre.



⬆ **Figura 5.** Moeda social criada para a Feira de Trocas Solidárias - IFRS - *Campus* Porto Alegre. **Fonte:** acervo pessoal (2019).

² Notícia disponível em: <https://www.poa.ifrs.edu.br/index.php/ultimas-noticias/noticias-principais/evento-feira-de-trocas-solidarias-do-campus-recebe-destaque-no-salao-de-extensao-da-ufrgs>. Acesso em: 15 nov. 2021.

Ao longo dos últimos anos, tem sido desafiador, laborioso e prazeroso conceber e executar atividades de extensão no IFRS, aproximando pessoas, ideias, projetos, valorizando e construindo saberes que possam contribuir para a superação das desigualdades, para maior inclusão, e para a construção de uma sociedade mais justa e democrática – o que se faz ainda mais necessária nesses tempos de avanço das pautas reacionárias.

Acredito que a prática extensionista nos provoca a romper com a fragmentação do conhecimento, a tecer vínculos sociais mais profundos com a comunidade e a construir com ela um diálogo permanente, visando a maior transformação social. Por tudo isso, a extensão é dimensão imprescindível do processo educativo/formativo de nossos estudantes e de nossa comunidade em geral; é potente para problematizar e modificar não só o currículo, mas a realidade como um todo.

Referências

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GARCIA, Armando. **Moedas comunitárias do Brasil (1962-2020)**. Disponível em: https://pt.calameo.com/accounts/991763?fbclid=IwAR3omF9-FNyYsGHpDnXqkXsG1AQ8FFK2z4EdprK0KlsWrC2P_uEL-LUNygD8. Acesso em: 19 nov. 2021.